

2- SESSÃO RESULTADOS DE PESQUISA

A VELHICE NA COMUNIDADE INDÍGENA DOS BANIWAS: BAIXO IÇANA

Thomaz Décio Abdalla Siqueira¹;
Edvaldo de Jesus v Martins;
Juventino Brito Falcão;
Maria Liliane Cordeiro da Silva;
Marileza Martins Peinado;
Marly Viera Brasão;
Rosimar da Silva Brito;
Rosivaldo Manuel Maia;
Zenaide Flora Freitas de Oliveira;
Selma Socorro Aguiar Caxias;
Vanderléia Maranhão Veloso.

RESUMO

O nome Baniwa é utilizado de forma genérica para definir os povos, de fala arauaque, que vivem no rio Içana e seus afluentes. Essa não é uma auto designação, pois eles se denominam conforme suas fratrias como Hohodene, Walipere-Dakenai e Dzauinai. Os Baniwas são um grupo indígena que habita o Noroeste do estado brasileiro do Amazonas, mais precisamente nas Áreas Indígenas Alto Rio Negro, Cubate, Cuiari, Içana-Aiari, Içana-Rio Negro, Kuripaco, Médio Içana, Médio Rio Negro I, Médio Rio Negro II e Xié, bem como a Colômbia e a Venezuela. Também são conhecidos pelos nomes de baniba e baniva no Brasil. Diante dessas invasões, os Baniwa inicialmente reafirmaram sua postura histórica de autonomia com relação aos brancos. Os capitães das comunidades baniwa reivindicaram o controle sobre seus recursos minerais e se colocaram contra a presença de mineradores brancos em suas terras. A participação ativa desses líderes na FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, fundada em 1987, e na política partidária, e a criação de diversas associações locais de comunidades baniwa - tais como a Organização Indígena da Bacia do Içana (OIBI), a Organização das Comunidades Indígenas do Rio Aiary (ACIRA), entre outras - representam uma nova configuração de articulações políticas que vêm definindo as demandas concretas e específicas destas comunidades.

Palavras-chave: Baniwas, Envelhecimento, Força produtiva.

INTRODUÇÃO

Os indígenas conhecidos como os Baniwas pertencem a uma das 23 etnias que habitam a região do alto Rio Negro. Suas aldeias são localizadas geralmente as margens dos rios, cercadas por florestas. Vivem em pequenas comunidades, habitam casas cobertas com palhas de caraná, cujas paredes são feitas de madeiras e taipas. A língua que predomina no cotidiano é a baniwa. Embora não haja grupos linguísticos diferentes, os Baniwas se subdividem, organizando-se em fratrias (conjuntos de grupos

locais aparentados como irmãos entre si), como os Oalipere-dakenai e os DzauInai. Os Baniwas traçam descendência pela linha paterna e cada uma das fratrias consiste de quatro a cinco sibis, como por exemplo, os Tuke-dakenai, kutherueni dentre outros. Os sibis de uma fratria estão ordenados como uma família de irmãos, do mais velho ao mais novo, de acordo com a história de criação. As principais atividades de sustento do povo Baniwa são a agricultura, a caça, a pesca, a criação de alguns animais, a produção de farinha, e bejú. São excelentes artesãos e são os únicos fabricantes de raladores de mandioca feitos de madeira e ponta de quartzo, que são distribuídos em praticamente todas as regiões, através das trocas inter-étnicas e dos comerciantes. Também são os principais produtores de urutus e balaios para a venda. As peças são feitas com fibra tucum e arumã nos mais diferentes tamanhos, tipos de desenhos e coloração. Outro fato importante da etnia Baniwa, é a iniciativa de valorizar o uso da medicina tradicional que partiu dos mais velhos e da própria comunidade ao reconhecerem em suas ervas e raízes uma eficiência maior para a cura das doenças. Atualmente são representados pela Organização da Bacia do Içana - OIBI. Em 1999, criaram o Projeto de “Arte Baniwa”, que beneficia aproximadamente 229 artesãos, e indiretamente mais de 2000 mil pessoas. Para mobilizar as comunidades na produção de cestaria foram realizadas oficinas em que os mais velhos ensinavam os grafismos e as técnicas de trabalho aos mais jovens. Essa iniciativa liderada pelos mais velhos da tribo foi de suma importância para a comunidade Baniwa.

JUSTIFICATIVA

Na região do alto rio negro é comum encontrar indígenas pertencentes a várias etnias. Devido a época de contato, os grupos indígenas acabaram se refugiando nessa região, onde os sobreviventes reconstruíram suas vidas e suas aldeias. Entre as vinte e três etnias que ainda existem comprovadamente, estão os índios Baniwas, embora bastante divididos em pequenas comunidades continuam sendo alvo de sociedades e religiões. Mesmo com esses fatores de interferência na vida dos indígenas os mesmos cultivam suas culturas, suas crenças, seus costumes dentre outros.

Mediante a esse contexto surgiu o interesse de realizar um pequeno estudo referente a um grupo étnico, mais especificamente, os Baniwas do baixo Rio Içana, da comunidade jauacanã, para melhor conhecer a realidade e saber de que maneira o grupo

interage com os mais velhos, como são tratados, se ainda exercem alguma função, qual a visão da comunidade em relação ao homem e a mulher na velhice.

A contribuição deste trabalho será de grande relevância social, principalmente para nós Acadêmicos de Educação Física da Disciplina de Metodologia do Trabalho Científico do Professor Pós-doc Thomaz Abdalla Siqueira, e de modo geral aos estudantes e a população local, que terão oportunidade de obter mais conhecimento em relação ao tipo tratamento e reconhecimento que índio Baniwas dessa etnia tem na velhice.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Os principais grupos étnicos da região do Alto Rio Negro estão radicados nesta região há aproximadamente 2 milênios e meio de anos e caracterizam-se pela diversidade pluri-cultural, fator preponderante destes grupos. Muitos estão localizados em pontos distintos desta vasta região. Alguns destes são remanescente do processo de aculturação arremetido pelos incursionistas luso-brasileiros e espanhóis do século XVI e XVII.

Dentre estes grupos podemos destacar os Baniwas, ocupantes do Baixo, médio e alto rio Içana, rio este que dentre os inúmeros também constitui o Rio Negro.

Os Baniwas vivem na fronteira do Brasil com a Colômbia e Venezuela em aldeias localizadas as margens do rio Içana, um afluente do rio negro. Estas comunidades vivem cercadas por florestas e rios, estando muito próximas à serra do Kadzawa. Cada comunidade é composta por vinte a trinta famílias que habitam casas cobertas com palha de caraná, cuja paredes são feitas de madeira e taipa. A língua que predominante no cotidiano é o Baniwa da família lingüística ARUAK.

As atividades de sustento são a agricultura, a caça, a pesca, a criação de alguns animais, a produção de farinha e beiju, a cestaria de tucum e arumã, além de trabalhos assalariados como Agente de Saúde e Professores.

As famílias são unidas por um grande laço afetivo cada uma possui suas normas morais. Cada membro cumpre especificamente com o seu papel social. As crianças dentro de do seio familiar e de acordo com o seu gênero recebe todas as orientações e os conhecimentos que corresponde a cada um, durante o ciclo de convívio sócio-cultural.

Parte da língua, puramente oral, em função da relação exogâmica destes indivíduos passou a ser suplantada em uma porcentagem principalmente pelo

nheengatú, do grupo Baré que geograficamente converge entre ambos e ocasionou o entrecruzamento cultural.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos científicos que abordam essa temática revelam que, caminha-se em busca de trabalhos preventivos acerca dos idosos, tendo como finalidade principal, prepará-los para melhor enfrentar este período da vida. Para este autor, “a velhice é um conjunto de alterações psicofísicas do organismo da pessoa e de maneira de interagir com o meio social no qual está inserido” (BARCELAR, 1999).

Já segundo Fraiman:

[...] É fundamental que se perceba que o envelhecimento não é somente um momento na vida do indivíduo, mas um processo extremamente complexo e pouco conhecido, com implicações tanto para quem vivencia como para a sociedade que o suporta ou assiste a ele, (FRAIMAN, 1995, p.19).

O Idoso é um termo que indica uma pessoa com uma vivência traduzida em muitos anos. As obras mais antigas tratam pessoas acima de 60 anos como idosos e participantes da Terceira Idade. Recentemente, este marco referencial passou para 65 anos em função principalmente da expectativa de vida e das tentativas legais do estabelecimento da idade para o início da aposentadoria. A idade pode ser biológica, psicológica ou sociológica à medida que se enfoca o envelhecimento em diferentes proporções das várias capacidades dos indivíduos. Na década de 60, apenas 5% da população tinham mais que 60 anos, as previsões para 2020 são 13% da população com essa idade ou mais. Entretanto, a transformação da velhice em problema social não pode ser encarada apenas como decorrente do aumento demográfico da população idosa. Dessa maneira, a problemática do envelhecer orbita mais em torno do funcionamento da sociedade no qual está inserida do que no volume da mesma (DOURADO & LEIBING, 2002).

MÉTODO

Neste estudo foi utilizadas entrevistas com professores indígenas da tribo dos Baniwas da comunidade de jauacanã, baixo Rio Içana. Utilizaram-se ainda obras

publicadas de autores que já realizaram outros estudos abordando de alguma forma o assunto em questão. O presente estudo teve como finalidade aprofundar o conhecimento a respeito da concepção do grupo étnico da referida comunidade indígena a cerca da velhice.

SUJEITO

A tribo dos Baniwa uma entre as 23 etnias que habitam a região do alto Rio Negro, próximo a São Gabriel da Cachoeira. Atualmente as comunidades dos Baniwas do baixo Rio Içana, são compostas por 20 a 30 famílias. As demais comunidades ou aldeias encontram-se no médio e alto Içana. Os Baniwas autodenominam-se “walimanai ou wkuenai”, ocupam toda bacia do Rio Içana.

TIPO DE PESQUISA

O tipo de pesquisa utilizada neste estudo, foi a Descritiva, dentro da qual foi percorrido toda a problemática da etnia Baniwa, visão, perspectiva de vida do grupo através de entrevistas com o líder da comunidade que faz parte dessa investigação. Esclarecemos que os primeiros registros dos Baniwas remota do século XVII aonde alguns índios foram escravizados e levados ao Forte da Barra do Rio Negro (nome da antiga cidade de Manaus). Nossa investigação teve como finalidade a tentativa de buscar a resolução de problemas melhorando as práticas por meio da observação, análise e descrições objetivas, através de entrevistas com peritos para a padronização de técnicas e validação de conteúdo (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007).

A VELHICE NA COMUNIDADE INDIGENA DOS BANIWAS DO BAIXO RIO IÇANA

Conforme relato de índios Baniwas, envelhecer significa acumular experiência e conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida. Por isso quando morre algum velho, é motivo de grande tristeza, por que sabem que estão perdendo um ser de grande sabedoria. Geralmente os Baniwas mais velhos exercem papel importante entre sua tribo, principalmente os chamados pajés. Exercer essa função independe da linhagem patriarcal, mas depende muito do interesse e força de vontade dos Baniwas quando ainda são bem jovens, para aprender e incorporar todos os ensinamentos e

conhecimentos que só os pajés possuem. Mesmo não sendo pajé os mais idosos desempenham função importante, que é o poder de decisão em relação a comunidade e sobre os Baniwas mais novos. Esse poder também pode ser notado até mesmo durante os rituais, as danças dentre outros. Tradicionalmente a cultura, a arte, os costumes são repassados de geração em geração pelos mais antigos da tribo, embora algumas coisas tenham sido deixadas de lado por influencia de outras sociedades. Também é importante ressaltar que os Baniwas possuem um vasto conhecimento acerca das plantas e ervas medicinais. A convivência na comunidade com os mais velhos é considerada natural, os idosos quando ficam viúvos, geralmente são cuidados pelos filhos ou filhas mais velha. As refeições são feitas juntamente com os demais membros da família como as crianças, jovens, adultos e velhos. Os idosos demonstram ter excelente vigor físico, e boa saúde, quase não adoecem e vivem bastante tempo. Participam de danças, rituais entre outros cerimoniais nos quais sempre lideram os mais jovens. Cumpre os seus afazeres naturalmente na comunidade e são respeitados pela sabedoria que demonstram possuir. Ressaltamos que na comunidade existe o trabalho com o arumã, que significa um dos elementos dos Yanhekethi. Em relação a força produtiva, a matéria prima fundamental é o taquara no qual é usado para a confecção de vários produtos pela comunidade masculina baniwa. As mulheres costumam trabalhar nas roças e na culinária do agrupamento.

CONCLUSÃO

O estudo realizado na comunidade jauacanã, demonstrou que a velhice entre os Baniwas é uma etapa da vida onde a pessoa se torna um ser com muitas experiências e sabedoria, capaz de liderar o seu grupo e tomar importantes decisões a respeito da comunidade.

Entende-se também que os mais velhos são os grandes incentivadores da arte e do cultivo da cultura do grupo. Deste modo entende-se a os Baniwas na velhice continuam exercendo e desempenhando relevante função na sua etnia e comunidade.

Cultivar a cultura nas comunidades é proteger e fortalecer os costumes, as crenças, os ritos, a arte entre outras coisas, para que o contato inevitável com as demais sociedades não possa destruir a identidade do grupo.

REFERÊNCIAS

CULTURA MINISTÉRIO. Cultura prêmio indígena. SESCSP, 2007.

DOURADO, M. & LEIBING, A. (2002). Velhice e suas representações: implicações para uma intervenção psicanalítica. Disponível no *site* em 12/03/2010: <http://www2.uerj.br/~revispsi/v2n2/artigos/artigo4.html>

FRAIMAN, A. Coisas da idade. São Paulo: Gente, 1995

GONTIL, GABRIEL DOS SANTOS. O povo Ktukano: Cultura, história e valores.

MAPA LIVRO. Povos indígena do Rio Negro: uma introdução à diversidade socioambiental do noroeste da Amazônia brasileira, 3.^a Ed. atualizada, 2006.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 5.^a ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.